

PETITE ET ACCIPIETIS – PEDI E RECEBEREIS

Sermão para o Domingo das Rogações¹

S. Tomás de Aquino²

“Pedi e recebereis para que a vossa alegria seja plena” (Jo 16,24)

Diz São Jerônimo que todas as nossas obras devem ser precedidas pela oração dominical³ e devem ser seguidas de uma ação de graças. Por isso, em certa carta dirigida a Paula, diz ele o seguinte: “No início de qualquer uma de tuas obras, recita antes a oração dominical e traça o sinal da Santa Cruz em tua frente”. De igual modo: “Assim como não convém ao soldado ir à guerra sem armas, assim também não convém que o soldado de Cristo vá à guerra contra o demônio sem que esteja munido destas armas: a cruz do Senhor e a oração dominical”.⁴ E eu acrescento a isso a saudação angélica.⁵ Por isso, recitemos antes o Pai-Nosso e a Ave-Maria, etc.

Sermão

Introdução

“Pedi”, etc.

Escreve o Apóstolo aos Romanos (8,26) que frequentemente ignoramos o que deveríamos pedir. Por isso, fala João sobre o nosso advogado, Jesus

-
- 1) Este breve sermão é de autenticidade bastante incerta. Uma das razões principais é o testemunho de um manuscrito de Munique, Alemanha, no qual consta que a pregação teria sido realizada por Guilherme Brito (o que também se revela bastante improvável), com muitas congruências entre os diferentes manuscritos, mas também com significativas diferenças. Há a possibilidade de que São Tomás tenha pronunciado a primeira parte do sermão, sendo continuado por um mestre secular na parte da tarde (*collatio*). Os editores da Leonina não arriscaram postular nenhuma data para este escrito.
 - 2) Tradução, subtítulos e notas: Felipe de Azevedo Ramos, EP, a partir da versão latina encontrada em THOMAS DE AQUINO. *Petite et accipietis* (ed. Leonina, 44.1, p. 128-168). Foram cotejadas as traduções para o francês e para o inglês (em particular para a elaboração das notas) das seguintes edições: THOMAS D’AQUIN. *Sermons*. Tr. Jean-Pierre Torrell. Paris: Cerf, 2014, p. 157-168; THOMAS AQUINAS. *The Academic Sermons*. Tr. Mark-Robin Hooland. Washington: Catholic University of America Press, 2010, p. 129-137.
 - 3) Isto é, o Pai-Nosso.
 - 4) Ambas as citações atribuídas a São Jerônimo não foram encontradas pelos editores da Leonina. É provável que se trate de um apócrifo.
 - 5) Isto é, a Ave-Maria.

Cristo, em sua epístola canônica (I Jo 2,1-2): “Nós temos um advogado junto ao Pai, Jesus Cristo. Ele mesmo é a vítima de expiação por nossos pecados”. Esse advogado nos convida hoje a pedir e nos promete dar; mais ainda, jura nos dar, contanto que peçamos em nome do Salvador aquelas coisas que são necessárias para a nossa salvação.

Assim diz o Evangelho hodierno no início: “Em verdade, em verdade vos digo: se pedirdes a meu Pai algo em meu nome, Ele vos dará” (Jo 16,23). Este nosso advogado nos convida a pedir e nos ensina a formular nosso pedido.

A esse respeito, três elementos são abordados nessas palavras: [1.] Primeiro, o Senhor nos convida a pedir: “Pedi”; [2.] segundo, nos assegura de sermos atendidos: “E receiveis”; [3.] terceiro, ele sublinha que peçamos de modo reto o que nos seja necessário possuir, ao acrescentar: “Para que a vossa alegria seja plena”. Com efeito, foi dito em outro lugar: “A todo aquele que tem será dado e terá em abundância” (Mt 25,29). E em outro lugar, em Lucas: “Pedi e receiveis, buscai e achareis, batei e vos será aberto” (Lc 11,9; cf. Mt 7,7). “Pedi”, com confiança, “e receiveis” o bem da prosperidade para sustentar o vosso corpo; “buscai” diligentemente e “achareis” o bem da graça pelo qual a alma é restaurada; “batei” incessantemente, “e vos será aberta” a porta do Paraíso, a fim de que o vosso coração seja repleto de alegria.

1. O Senhor nos convida a pedir

Logo, o Senhor nos convida a pedir primeiramente com essas palavras. Aqui se deve evidenciar a suma cortesia daquele que nos convida cortesmente a pedir. Existem quatro elementos que devem nos mover a pedir: [1.1.] primeiro, a nossa indigência e a nossa insuficiência; [1.2.] segundo, a suma generosidade de Cristo; [1.3.] terceiro, a oportunidade da hora em pedir; [1.4.] quarto, a certeza de ser atendido.

1.1. Nossa indigência

Digo, em primeiro lugar, que a nossa indigência e a nossa insuficiência devem nos mover a pedir, pois nada temos de bom por nós mesmos, senão por Deus. Por isso, diz o Apóstolo aos Romanos (na realidade: I Cor 4,7): “O que possuís – isto é, o que tendes de bom – que não tenhas recebido? Se o recebeste, por que te glorias como se não o tivesses recebido?” O pecador

nada tem por si mesmo, a não ser o próprio pecado, e quem está em pecado mortal perde tudo o que fez de bom, porque, conforme diz Tiago (2,10): “Se alguém guarda toda a Lei, mas a transgredir em um ponto, torna-se réu de todos os demais”. Quem ofende a Deus, transgredindo um de seus preceitos, será condenado por um só pecado como se fosse por todos os demais. Mas ele não será punido por um só pecado da mesma forma que por muitos. Ou: quem ofende a um só, ou seja, a Cristo, dispensador de todos os bens, torna-se réu de todos [os pecados], isto é, padecerá pelo dano de todos os males.

Ou ainda: quem ofende em um só ponto, a saber, contra o preceito da caridade, torna-se réu de todas as demais virtudes, pois a caridade é a mãe de todas as virtudes. Assim também, quem ofende o pai de família ofende, por conseguinte, também toda a família. Portanto, o pecador, que jaz com muitos pecados mortais, encontra-se numa grande miséria, uma vez que não conhece os seus defeitos. A respeito disso, João comenta de modo claro no Apocalipse (3,17), falando em nome do pecador: “Dizes: sou rico e opulento, e de nada mais preciso. Mas não sabes que és tu o desventurado: miserável, pobre, cego e nu!”. “Dizes: eu sou rico” nas ciências, opulento nas riquezas; “de nada preciso”, pois sou saudável e forte; “mas não sabes que és o desventurado”, por cometer o pecado; “miserável”, pela perda da virtude; “pobre”, pela perda da graça de Deus; “cego”, por teu desconhecimento; “nu”, pela infâmia. O pecado mortal causa todos esses males, pois “o pecado torna as pessoas desventuradas” (Pr 14,34). Portanto, para pedir a Deus, em primeiro lugar nos deve mover a nossa indignação e insuficiência, as quais são tão grandes que nada de bom temos por nós mesmos; antes, só temos os nossos pecados e defeitos, e, tudo aquilo de bom que temos vem de Deus.

1.2. A generosidade de Cristo

Em segundo lugar, o que nos deve mover a pedir é a suma generosidade de Cristo. Ele é, pois, distribuidor generosíssimo de todos os bens, o que é simbolizado por aquilo que diz o Rei Assuero à Rainha Ester: “Qual o teu pedido, Ester? Ainda que peças metade de meu reino, eu te darei” (Es 5,3). Este [Cristo] não dá parte do seu reino a seus amigos, mas todo o seu reino. Aquele [Assuero] reinava sobre cento e vinte províncias, este [Cristo] reina sobre todo o mundo. Portanto, Ele é mais que Assuero, uma vez que dá de modo cortês, generoso e abundante. E Tiago aborda esses três elementos na sua epístola (1,5), dizendo: “Concede copiosamente a todos e não reclama”.

“Concede”: não vende, eis a cortesia; “a todos”: eis a abundância; “e não reclama”: eis a generosidade.

O seu dom não é o dom do insensato, sobre o qual falam os Provérbios (na realidade: Eclo 29,14-15): “O presente do insensato não te é útil para nada. Ele te dará e reclamará”. Aqui não tem lugar o que se diz em língua vulgar: “*A bon demandeur bon escondiseeur*”,⁶ mas isso sim: a bom pedinte, doador generosíssimo. “Todo dom excelente e toda dádiva perfeita” (Tg 1,17) vem d’Ele. O bom dom é o bem da prosperidade, como a riqueza; um dom melhor é o da natureza, como a força do corpo ou a saúde; já o dom excelente é o da graça, como o são as virtudes; o dom perfeito é o dom da glória.

Ele mesmo dá todos esses dons e está mais pronto a dar do que nós de receber.⁷ E, embora seja tanta a sua liberalidade, é lamentável que alguns não queiram pedi-los. Por isso diz ainda São Gregório: “Ele não nega que seja devedor, ele que se oferece a dar muito àqueles que lhe pedem, uma vez que sabe que muito necessitamos”.⁸ E também: “Que se envergonhe a preguiça humana: Deus quer mais dar do que nós receber, mais quer operar a misericórdia do que nós ver-nos livres de nossa miséria”.⁹

1.3. A oportunidade da hora em pedir

Em terceiro lugar, a oportunidade da hora nos deve mover a pedir. Se alguém tiver que fazer um pedido na corte a um príncipe qualquer, convém observar o tempo oportuno, quando o senhor está contente e sua família também. Assim também há um tempo oportuno de pedir, porque Nosso Senhor Jesus Cristo, ao se apresentar com a nossa carne, dirige-se à corte celeste. É agora, portanto, nesses dias das Rogações, que Deus quer que Lhe peça porque, depois de sua Ascensão ao Céu, os cidadãos angélicos e todos os barões do Céu se alegram. E, portanto, esse tempo é oportuno, pois, na quinta-feira, Cristo entrou no Céu para rogar ao Pai por nós. Rezemos a Ele, então, sem adiarmos, como o rico epulário que demorou a pedir a gota

6) “Quem muito pede, muito recusa”, em tradução livre. Cf. MORAWSKI, J. *Proverbes*, p. 1, n. 9: “*A bon demandeur bon escondiseeur*”.

7) HEIRICUS AUTISSIODORENSIS. *Homiliae*, II, 18 [Dominica II post octavam Pentecostes] (CCCM 116B, p. 164, 103-105): “*Ecce enim ultro Deus conferre paratus est quod debuerat rogari, et tamen nos ad accipiendum pigri efficitur*”.

8) Na realidade: AGOSTINHO. *Sermão CV* (PL 38, 619).

9) *Ibid.*

de água e não a conseguiu (cf. Lc 16,22-31); tampouco como as virgens insensatas para as quais a porta já estava fechada (cf. Mt 25,1-12). Peça-mos, contudo, em nome de Cristo Salvador, aquelas coisas que são necessárias à nossa salvação e seremos atendidos, pois o Evangelho de hoje diz: “Até agora, não pedistes nada em meu nome. Pedi e receberéis” (Jo 16,24).

1.4. A certeza de ser atendido

Em quarto lugar, a certeza de ser atendido, que é uma consequência das três primeiras razões. Com efeito, mesmo que seja tanta a nossa indigência e insuficiência, a sua liberalidade é suma também quanto à oportunidade da hora do pedido, pelo que se pode ter segurança em ser atendido. Por isso, escreve João em sua epístola canônica (I Jo 5,14): “Esta é a confiança que temos no Pai: tudo o que lhe pedimos, ele nos ouve”. Isso é verdadeiro desde que peça-mos as coisas necessárias à nossa salvação.

É verdade que hoje os homens são preguiçosos em pedir a Deus e em rezar a Ele. Por isso, duas coisas devem nos mover especialmente à oração, a saber: [1.4.1.] o valor da oração e [1.4.2.] a nossa insuficiência.

1.4.1. O valor da oração

O valor da oração: considerando que dessas três coisas – o jejum, a esmola e a oração – que nos são ordenadas para obter a vida eterna, a oração é a mais digna, uma vez que a esmola e o jejum dizem respeito àqueles que estão junto a nós, ao passo que a oração diz respeito Àquele que está sobre nós; portanto, a oração é mais digna, pois ela se dirige a Deus como se fosse a uma pessoa familiar, e aí cumpre um mandamento que a carne não é capaz de alcançar.¹⁰

1.4.2. A nossa insuficiência

A necessidade de rezar é evidente a partir de três elementos diante dos quais os homens exclamam: o fogo, a água e os ladrões. O fogo da luxúria nos

10) Cf. PEDRO LOMBARDO. *In Ps.*, 87, 3 (PL 191, 811D), a partir de: CASSIODORO. *Expos. Psalm.*, LXXXVII, 3 (CCSL 98, p. 795, 47-51; PL 70, 623A).

infesta, a água da avareza nos molesta e o ladrão infernal com seus cúmplices nos perturba. E assim, porque temos nesse mundo presente tantos inimigos, com maior frequência devemos dirigir orações a Deus, para que no tempo presente Ele nos ouça pela sua graça e nos seja concedida a vida eterna no futuro.

Collatio

“Pedi e recbereis”

Já se falou no primeiro sermão acerca dos quatro motivos que nos movem a pedir, a saber: a nossa insuficiência, a generosidade de Cristo, a oportunidade da hora para pedir e a certeza de ser atendido.

2. Obstáculos que frustram o nosso pedido

É verdade que muitos são os obstáculos que frustram o nosso pedido. Portanto, nesse sermão podemos enumerar sete obstáculos pelos quais o nosso pedido é frustrado ou a nossa oração não é atendida por Deus.

O primeiro obstáculo é a falta de discernimento daquele que pede; o segundo, a sua dúvida; o terceiro, a sua impureza e indignidade; quarto, a sua hipocrisia e a sua simulação; quinto, o seu ódio e o seu rancor; sexto, a dureza em relação ao próximo; sétimo, o desprezo e a desobediência da lei divina.

2.1. A falta de discernimento daquele que pede

O primeiro obstáculo, portanto, é a falta de discernimento daquele que pede. A esse respeito comenta Tiago (4,3): “Pedis, mas não recebeis, porque pedis mal”. Ou seja, sem discernimento, à maneira da mãe de João e Tiago, que pediu a Deus que um de seus filhos se sentasse à sua direita e outro à sua esquerda em seu reino (cf. Mt 20-23; Mc 10,35-40). Ao que o Senhor respondeu: “Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que estou para beber?” (Mt 20,22), o que significa: podeis sofrer uma paixão semelhante à que vou sofrer? “Responderam: podemos”. E o Senhor: “Bebereis de meu

cálce. Todavia, sentar à minha direita e à minha esquerda, não cabe a mim vos conceder” (Mt 20,22-23). Comenta a Glosa: “Sem méritos precedentes”.¹¹

Agostinho, contra aqueles que pedem a honra mundana, diz o seguinte: “Enquanto pedis aquelas coisas que Deus aprova e promete dar, pedi a Ele com segurança, uma vez que ele no-las concede. Ao contrário, se pedis coisas temporais, pedi com discernimento, pois Deus sabe melhor que o homem o que lhe possa ser útil e o que lhe possa ser danoso”.¹² E apesar disso, muitos, de bom grado, pedem a Deus os bens temporais, mas não os eternos. Ora, todos esses pedem sem discernimento, pois não convém a Deus conceder tão pequeno dom, da mesma forma que não convém ao Rei da França dar um óbolo [a quem lhe pede].¹³ Ou ainda, Deus não os ouve de bom grado, pois eles não pedem aquilo que concorre à salvação, da mesma forma que não ouvia Paulo, o Apóstolo, no tocante ao “aguilhão na carne” (II Cor 12,7), e da mesma forma que não ouve as crianças que pedem na escola para não receber varadas, pois isso não seria para o bem delas.¹⁴

2.2. A dúvida daquele que pede

O segundo obstáculo para que alguém não seja atendido é devido à sua própria dúvida. Contra esses, escreve Tiago (1,6-7): “Contanto que peça com fé, sem duvidar, porque aquele que duvida é semelhante às ondas do mar movidas pelo vento”. E acrescenta: “Não pense, portanto, que tal pessoa vai receber algo de Deus”. E também Gregório: “É indigno da bênção celeste aquele que busca a Deus com um afeto que duvida”.¹⁵ E é isso o que diz João em sua epístola canônica (na realidade, mais precisamente: Mc 11,24; Mt 21,22; cf. I Jo 2,33; 5,14): “Tudo quanto pedirdes, com fé, crede que já recebestes”.

11) Referência não encontrada.

12) AGOSTINHO. *Sermo CCCLIV*, 7 (PL 39, 1567).

13) Esse exemplo é frequentemente narrado nos sermões medievais. Trata-se de uma anedota referente a Filipe II. Cf. TUBACH, Frederich. *Index exemplorum*. A Handbook of Medieval Religious Tales. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica, 1969, n. 288

14) ISIDORO DE SEVILHA. *Sent.*, III, c. 7, 26 (PL 83, 677B).

15) Trata-se provavelmente de uma referência a Pseudo-Bernardo: GAUFRIDUS ABBAS ALTISSIODORENSIS. *Declamationes de colloquio Symonis cum Iesu, ex S. Bernardi Sermonibus collectae*, LV, 66 (SC 364, p. 276, 5-8; PL 184, 472B).

2.3. A impureza e a indignidade daquele que pede

O terceiro obstáculo daquele que pede é a indignidade e a impureza. A esse respeito escreve Isaías (1,15): “Ainda que multipliqueis as vossas orações, não vos ouvirei”. E acrescenta: “Pois as vossas mãos” – isto é, as vossas obras – “estão cheias de sangue”, a saber, de pecado. E também nas Lamentações (3,42): “Nós agimos de modo iníquo e provocamos a tua cólera; por essa razão, te tornaste inexorável”. Contra esses, lê-se no Salmo (65[66], 18): “Se eu tiver iniquidade no meu coração, o Senhor não atenderá”. Disso comenta a Glosa: “A pureza da oração é atendida por Deus”.¹⁶ A oração pura é aquela que não fica impedida pelo cuidado secular, o amor carnal. O espírito está longe de Deus quando está ocupado por cuidados seculares e dedicado aos desejos da carne.¹⁷ Portanto, primeiro deve-se purgar o espírito dos cuidados seculares e permanecer longe dos desejos da carne, a fim de que o olhar da mente possa ser dirigido para Deus.¹⁸ Isso fica claro por um exemplo visível: assim como o pontífice¹⁹ parisiense não daria as prebendas de sua Igreja a homens imundos e desonestos, nem muito menos a usurários, assim também o pontífice celeste não dará as prebendas de sua glória àqueles homens.

2.4. A hipocrisia e a simulação

O quarto obstáculo que frustra o pedido de alguém é a hipocrisia e a simulação. Ora, o hipócrita reza com a boca, mas seu coração se cala. Desse tipo de pessoa fala Isaías (29,13): “Este povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim”. E Gregório comenta: “Se buscamos a vida eterna com a boca e não a desejamos com o coração, nos calam enquanto rezamos”.²⁰ Por isso, ao tratar da pessoa hipócrita, comenta com notáveis palavras: “O hipócrita – diz ele – reza quando as tribulações terrestres o

16) Referência não encontrada.

17) Cf. ISIDORO DE SEVILHA. *Sent.*, III, c. 7, 8 (PL 83, 674A).

18) *Ibid.*, c. 7, 10 (PL 83, 674A).

19) Isto é, o bispo.

20) GREGÓRIO MAGNO. *Moralia in Iob*, XXII, c. 17, n. 43 (CCL 143A, p. 1122, 41-43; PL 76, 238C).

apertam; Deus não o ouve no tempo oportuno, pois ele [o hipócrita] não ouviu o clamor do Senhor no tempo de paz”.²¹

2.5. O ódio e o rancor

O quinto obstáculo é devido ao ódio do coração e ao rancor. Lê-se no Eclesiástico (28,3): “Um homem guarda rancor contra outro e ainda pede a Deus para curá-lo”. Ninguém recebe o perdão de Deus se não abandonar o rancor contra o seu irmão ou o seu próximo. Exemplo disso se encontra no Evangelho sobre o servo mau, cujo senhor lhe diz: “Servo mau, eu te perdoei toda a tua dívida porque me rogaste. Não devias, também tu, ter compaixão do teu companheiro, como eu tive compaixão de ti?” (Mt 18,32-33). Ele [o senhor], então, o entregou aos torturadores até que devolvesse toda a sua dívida. E conclui o Evangelista: “Eis como meu Pai celeste agirá convosco, se cada um de vós não perdoar, de coração, a cada um de seus irmãos” (Mt 18,35). Esse é o pacto que o Senhor faz conosco: “Perdoai e sereis perdoados” (Lc 6,37); caso contrário, Ele não vos perdoará. Por isso, diz inutilmente na oração dominical: “Perdoai-nos”, etc. (Mt 6,14).

2.6. A dureza em relação ao próximo

O sexto obstáculo se dá pela dureza em relação ao próximo. Nesse sentido, há muitos ricos que têm tudo de bom deste mundo e por nada querem prestar auxílio aos pobres de Cristo. Esses, que não têm misericórdia para com os pobres, tampouco de Deus a encontrarão no futuro, da mesma forma que o rico epulário, no inferno, não conseguiu uma só gota de água, pois negou a migalha de pão ao pobre Lázaro (cf. Lc 16,19-26).

2.7. O desprezo e a desobediência à lei divina

O sétimo e último obstáculo é devido ao desprezo e à desobediência da lei divina. Diz o Eclesiástico (na realidade Pr 28,9): “Quem fecha o ouvido para

21) Ibid., XVIII, c. 10, n. 17; c. 8, n. 15 (CCSL 143A, p. 896, 1-897, 3 et 894, 2-895, 5; PL 76, 47B et 45C).

não ouvir a lei, até mesmo a sua prece se torna execrável”, isto é, não será ouvida no oratório da corte celeste, assim como o servo de um excomungado não é ouvido na corte de um juiz secular.

Notas finais

1) A propósito desses sete obstáculos, é necessário sublinhar que a recordação da própria fragilidade e a consideração da bondade divina estão acima de tudo no tocante ao atendimento da oração. Por isso diz Isidoro: “Enquanto estivermos diante de Deus, devemos gemer e chorar, relembando quão numerosos e graves são os pecados que cometemos, quão cruéis são os tormentos do inferno que tememos e quão incomparáveis são as alegrias no Céu que esperamos”.²²

2) Os ladrões e os mendigos nos ensinam a rezar. O ladrão, ao perceber o que fez e o castigo que lhe foi preparado, pede perdão com muitas lágrimas diante dessas duas perspectivas. Já os mendigos, mostram seus membros mais doentes e mais repelentes aos outros, enquanto os demais, que são sadios, eles escondem, para mover os outros à piedade e a dar esmola.²³ Assim também nós no tempo presente: apresentemos a Deus as nossas enfermidades e os nossos pecados, para que neste tempo presente ele nos ouça pela sua graça e no futuro nos confira a vida eterna.

22) ISIDORO DE SEVILHA. *Sent.*, III, c. 7, 5 (PL 83, 673A).

23) Cf. GUILHERME DE AUVERGNE. *Rhetorica divina*, c. 31 (ed. Paris, 1674, t. I, p. 371 aB).